

DISPUTA NO CONGRESSO

Antonio Carlos Magalhães espera convencer o ex-presidente a voltar atrás. Mas também procura outro nome para enfrentar o inimigo Jader Barbalho

Sarney, José

Sarney não quer ser candidato no Senado

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

Dida Sampaio / AE

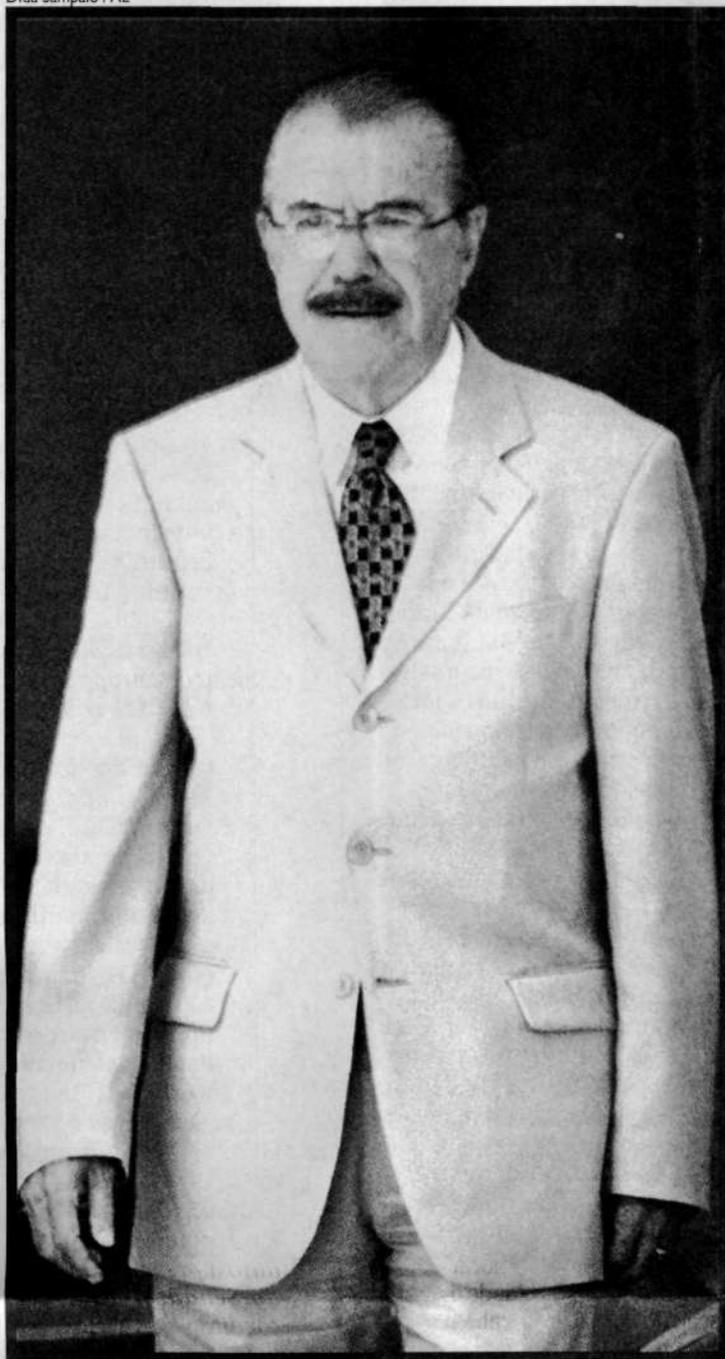
Mantido o quadro atual de guerra entre PFL e PMDB, o ex-presidente José Sarney (PMDB-AP) não será candidato à sucessão de Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) no Senado. O assunto foi tratado ontem num almoço entre Sarney e Antonio Carlos, na residência oficial da presidência do Senado, no Lago Sul. "Eu só seria candidato se houvesse um consenso", disse Sarney ao **Correio Braziliense**. A pessoas mais próximas, ele foi ainda mais enfático ao dizer que não disputará o cargo: "Eu cheguei numa etapa da vida pública em que devo me manter afastado dessas disputas".

Como ex-presidente da República e do próprio Senado, Sarney é hoje uma referência, sempre consultado e lembrado. E quem foi rei não quer perder a majestade numa batalha contra a cúpula do PMDB. Ainda mais lançando-se numa disputa direta contra o presidente e líder do partido no Senado, Jader Barbalho (PA), que deve ter seu nome apresentado oficialmente como candidato no final do mês. O próprio Antonio Carlos é direto: "Sarney não é um homem de rompantes. É um homem de calma".

O senador baiano, no entanto, não desistiu de tentar convencer Sarney a se lançar candidato e nem de evitar a eleição de Barbalho. **Trabalha em duas frentes:** uma delas é o desgaste da candidatura de Jader em função das denúncias levantadas sobre o aumento do seu patrimônio. A outra é a oposição.

SEGUNDA OPÇÃO

Para que a candidatura de Sarney fosse viável seria necessário que o próprio Barbalho abrisse mão da disputa em favor dele. Mas o presidente do PMDB já avisou que não fará essa concessão porque seria o mesmo que se render às pressões de Antonio Carlos. Por causa desses problemas, ACM começa a trabalhar com a segunda opção: os partidos de esquerda e senadores que continuam neutros na briga.



JOSÉ SARNEY: "EU SÓ SERIA CANDIDATO SE HOUVESSE UM CONSENSO"

Ontem, o presidente do Senado conversou com os senadores Carlos Wilson (PPS-PE), José Eduardo Dutra (PT-SE) e, ainda, com Lúcio Alcântara (PSDB-CE). Dutra foi enfático: "Nosso partido só vai decidir o que fazer no final de janeiro. Não temos por que entrar nessa briga. Não temos veto contra ninguém", disse ele.

O PT no Senado tem duas alternativas: ou lança candidato próprio ou negocia uma posição na Mesa Diretora, numa chapa encabeçada pelo candidato do

partido majoritário, no caso Jader Barbalho, do PMDB. O PPS de Carlos Wilson, Paulo Hartung (ES) e Roberto Freire (PE) não pretende ficar à margem da Mesa Diretora e nem entrar em bola dividida, pedindo a Sarney que seja candidato. Se nada mudar até o dia 14 de fevereiro, data da eleição, já tem gente na política que faz a seguinte previsão: Barbalho, depois de lançado oficialmente pelo PMDB, poderá vencer por W.O., ou seja, o concorrente não vai aparecer para a disputa.

PREOCUPADOS COM A IMAGEM

Preocupados com o desgaste da imagem do Congresso com o pagamento de R\$ 16 mil de ajuda de custo aos parlamentares, os presidentes do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), estudam criar uma pauta de projetos a serem votados durante o período da convocação extraordinária. A convocação, que vai de 29 de janeiro e 14 de fevereiro, será realizada apenas para votar as medidas provisórias que perdem a vigência no fim deste mês. "Não há nada definido e vou esperar chegar mais próximo do dia 29 para ver se vale a pena ou não fazer uma pauta", disse Temer ontem. "Mas será muito desgastante para a imagem do Congresso se não votarmos nada", reconheceu. Apesar de a legislação determinar o pagamento de ajuda de custo, tanto ACM como Temer argumentam que vão reunir as mesas do Senado e da Câmara para, então, decidir sobre o jetom de R\$ 16 mil. Na semana passada, o presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu convocar o Congresso somente a partir do dia 29. ACM defendia a convocação a partir de meados de janeiro. Caso isso ocorresse, ACM teria mais tempo para criticar a candidatura do presidente nacional e líder do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), à sua sucessão. Mas Fernando Henrique, o PSDB e o PMDB não quiseram dar um palanque para ACM durante a convocação, que acabou restrita à apreciação de MPs e terá duração de 17 dias. (Agência Estado)